

AULA DE REDAÇÃO

Roberto Gomes*

Dia desses meu filho João Marcelo veio com jeito de quem acabou de pensar no assunto, colocou a mão no meu ombro e pediu:

– Me ajuda a fazer uma redação?

Fiquei espantado. Primeiro, ele não é de pedir ajuda, cuidando de seus assuntos de escola com total independência – de resto, não admite que ninguém meta neles o nariz (o que inclui o meu nariz e o da mãe dele). Segundo, escreve com facilidade, por que estaria me fazendo aquele pedido? Terceiro, e pior de tudo, entrei em pânico com a perspectiva de “escrever uma redação”.

Sempre padeci de calafrios diante de professores de português. Lembro de um – o professor Salles, do Colégio D. Pedro II, em Blumenau –, que havia escrito um livro inteiro sobre as funções do pronome *que*, com o que nos assombrou ao longo de todo o segundo grau. A redação não me produzia tantos calafrios, mas era um sofrimento arranjar com o que preencher trinta linhas a respeito do “Fim de semana com meus pais” ou “A gota de orvalho”.

Por isso, sempre que posso saio em defesa dos pobres alunos de redação. Escrever, mesmo um bilhete para o vizinho, é uma tarefa solitária, que merece todo o respeito. Já os alunos são obrigados a escrever em público, em meio a uma multidão de carteiras, de olhos curiosos, risinhos de mofa, além do severo e vigilante olhar de águia do professor. É demais.

* Escritor.

Depois, servem-se apenas de uma caneta e de uma folha de papel na qual devem depositar tantas linhas. Acho desumano. Eu, que já vou para o décimo segundo livro, escrevo no meu tugúrio, protegido por portas e campainhas, o telefone fora do gancho, armado com vários dicionários, diversas enciclopédias, o corretor ortográfico instalado no meu computador e, quando tudo isso falha, saio pela casa ao encalço de minha mulher para fazer a ela, pela milésima vez, a pergunta humilhante, já errando na grafia:

– Cosinha é com z ou com s?

Não consigo decidir. Há um trauma profundo que me impede fixar de uma vez por todas a grafia de certas palavras, além de algumas concordâncias. Pensei que eu fosse um caso único no planeta dos escritores, mas dia destes li uma crônica do Fernando Sabino confessando ser incapaz, entre outras coisas, de lembrar se pêsames é com z ou com s.

Quando não descubro nos livros a resposta para minhas dúvidas e minha mulher não está em casa, telefono para dois amigos que são craques nesta seara. O João Alfredo Dal’Bello, meu consultor para latim, alemão, italiano e gramatiquices em geral, e o Sírio Possenti, que alcanço lá em Campinas, de onde me salva de minhas asnices, não raro aconselhando que eu mande a gramática cachimbar formiga.

Além de dispor de todo este arsenal, só escrevo quando bem entendo e sobre o que bem entendo, dono absoluto de meu nariz e de meus delírios. Por isso morro de pena dos estudantes obrigados a fazer redação. Sem dicionários, enciclopédias, sem o Sírio Possenti e o João Alfredo, sem o corretor ortográfico do micro, engessados em vinte linhas que devem cobrir com letra legível – ó tormento dos tormentos! – e idéias originais a respeito de um assunto ao qual acabaram de ser apresentados! Pode tortura maior?

Por isso entrei em parafuso quando meu filho me fez o pedido fatal. E agora? E se a ação se passar na cosinha (ou cozinha) e, por alguma razão insondável, for necessário dar pêsames (ou pêsames)

a alguém? Como vou explicar ao João Marcelo que, depois de doze livros, nem isso aprendi?

E como vou fazer uma introdução, um desenvolvimento, uma conclusão? Como vou ter certeza de que, num parágrafo, desenvolvi uma idéia completa? E o pronome *que*? E as regras da próclise e da ênclise? E a ordem direta e a clareza? E a crase, meu Deus, a crase!?

Estou há três dias sofrendo amargamente, rezando para que meu filho esqueça do pedido ou não precise mais de mim. Ontem ele me disse que, antes de começarmos a redação, iria telefonar para uma amiga (a Fernanda, a Bruna, a Manu, não sei). Acabou engatado ao telefone pelas duas horas seguintes, esqueceu de mim, graças a Deus. Hoje, resolveu fazer um hambúrguer, depois começaríamos. Fiquei aqui suando frio. Acabou dizendo que estava cansado, ia dormir. Respirei aliviado.

E amanhã? Que me espera? Além disso, acrescentei uma nova aflição a meus tormentos: o que pensará a professora de nossa redação? Posso vê-la com um imenso lápis vermelho em punho distribuindo bangornadas corretivas em minhas mal traçadas linhas. E, aflito, me imagino nos próximos dias a perguntar ao João Marcelo: que nota tiramos?

Pior ainda: e se a professora ler esta crônica? Acabo reprovado. Meu Deus, nada é mais assustador do que um professor de português! Ó, Senhor, tenha piedade dos escritores e dos pobres alunos obrigados a escrever redações!

